

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Departamento de História

Henrique Ribeiro Lemos

História, Covid-19 e as relações com as tecnologias durante o ensino remoto: A produção de um podcast de ensino de História e divulgação científica¹

Porto Alegre

2023

¹ Trabalho de Conclusão de Curso de graduação no formato de artigo de periódico apresentado ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em História. Orientadora: Cássia Daiane Macedo da Silveira

Resumo:

O texto apresenta a elaboração de Podcast² de ensino de história e divulgação científica composto por 3 episódios, feitos a partir de um acervo de entrevistas de história oral sobre a Covid-19. Além disso, o trabalho pretende realizar uma reflexão sobre a estruturação e elaboração de um podcast por historiadores, abordando as contribuições e dificuldades de produção de materiais para internet.

Palavras-chave: Covid-19. História Pública. Divulgação Científica. Ensino de História. Podcast. UFRGS.

INTRODUÇÃO

A pandemia de Covid-19, uma crise sanitária de proporções não vistas nos últimos anos, provocou situações inéditas no cotidiano de milhares de pessoas ao redor do mundo. Dinâmicas como o isolamento e o distanciamento social, bem como a contágio de uma doença pouco conhecida, foram acontecimentos que trouxeram à tona diversas dúvidas para todos que viviam naquele contexto. As redes de comunicação em massa, mídias sociais e internet, fervilhavam de questionamentos, por exemplo, sobre a natureza do vírus, quanto tempo duraria aquela situação e como a sociedade ficaria após a superação daquele momento. Em reportagens televisivas, pesquisadores de diversas áreas foram chamados para esclarecer as indagações diversas da população. Entre estes, historiadores e historiadoras foram perguntados sobre outras epidemias, pandemias e pragas, e sobretudo, como aquele contexto seria abordado no futuro.

Diante de um vírus desconhecido e de um cotidiano severamente modificado pelas medidas de segurança necessárias para contenção do contágio do vírus, a ciência ganhou destaque pelo acompanhamento da produção das vacinas de imunização contra o SARS-COV-2. Diariamente notícias nas diferentes mídias traziam novidades sobre o desenvolvimento dos imunizantes. Para além da área da saúde, áreas de conhecimento como a História eram mobilizadas na mídia tradicional e na internet, de forma a explicar a situação e demonstrar exemplos de outras epidemias e doenças ocorridas em outros contextos e como aquelas circunstâncias foram superadas.

² Disponível em <https://open.spotify.com/show/7AgOwSeyfAOslfGGFPDN9?si=0951cbe86a334042>

No contexto em que o ambiente virtual e as redes sociais estão presentes, a produção de conteúdo deixou de ser feita apenas de uma forma centralizada em grandes conglomerados de mídia e informação e disponibilizada a partir de meios de comunicação de massa como a televisão e o rádio. Ambientes virtuais como Tiktok, Instagram, Youtube e aplicativos como Spotify, possibilitaram a produção e o acesso de diversos conteúdos de entretenimento, educação e política por produtores alternativos e atores que não tinham espaço anteriormente. Embora existam super produções e as grandes empresas se façam presentes nesses meios, há demanda para outras vozes.

Nesse contexto, de interesse pela ciência, com a urgência da pandemia e com a necessidade do isolamento social, o uso da internet como meio de trabalho, estudos, informação e entretenimento cresceu e integrou ainda mais o cotidiano no país, mesmo após a diminuição de casos e a flexibilização do distanciamento e isolamento social. De acordo com o Painel TIC Covid-19³, 89% dos usuários da Internet assistiram a vídeos, programas, filmes ou séries pela internet durante o ano de 2021. Nesse sentido, o interesse pela ciência aliado ao uso da internet para informação, é possível afirmar que o interesse pelo campo da História também se fez presente, e indagações sobre como a pandemia seria retratada, abordada e estudada futuramente, apareceram.

Este trabalho se insere nesse contexto: interesse por história, divulgação científica e usos da internet no contexto pandêmico. Portanto, se relaciona com a área de História Pública, com o objetivo de expandir o conhecimento histórico para além do ambiente acadêmico, tornar o fazer e pensar a história mais acessível e presente no cotidiano de não historiadores. De acordo com Santhiago (2016), há algumas formas de História Pública:

[...] A história pública como uma área de estudo e ação com quatro engajamentos fundamentais, passíveis de entrecruzamento: a história feita para o público (que prioriza a ampliação de audiências); a história feita com o público (uma história colaborativa, na qual a ideia de “autoridade compartilhada” é central); a história feita pelo público (que incorpora formas não institucionais de história e memória); e história e público (que abarcaria a reflexividade e autorreflexividade do campo).

Partindo de uma história pública feita para e com o público, desenvolveu-se um podcast sobre o contexto pandêmico no Rio Grande do Sul em 2020 e 2021 e a relação cotidiana com as tecnologias, com o intuito de pensar de que forma as pessoas vivenciaram essa realidade. Foram utilizados trechos de entrevistas de história oral concedidas por estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em suas rotinas durante aquele momento. Assim sendo, esse trabalho de conclusão de curso tem a tarefa de refletir sobre

³ Disponível em <https://cetic.br/pt/pesquisa/tic-covid-19/publicacoes/>

como foi a elaboração de um produto digital, suas dificuldades, obstáculos, quais tarefas ultrapassaram o trabalho do historiador e quais as potencialidades de um projeto deste tipo para estimular o pensamento histórico para além do âmbito acadêmico e divulgar a produção histórica para públicos mais amplos.

O ACERVO E A PRODUÇÃO

O movimento para estes novos modos me ajudou a apreciar em que medida a prática tradicional na história oral, especialmente, tem sido governada por um regime implicitamente dicotômico de “cru” e “cozido”. Nós armazenamos coleções de história oral relativamente não mediadas em bibliotecas e arquivos, como fontes relativamente “cruas”; mesmo a transcrição é entendida como uma representação deste estado “natural”, original, da história oral. E contamos com scholars, produtores de documentários, curadores de exposições, e com o desejo de encontrar e processar algo a partir dessa massa crua, resultando em uma apresentação bem cozida, agradável, de algum tipo: um filme, um artigo de pesquisa, um documentário, a etiqueta de uma exposição ou um kiosk loop, um podcast, e outras coisas mais, formas através das quais a história oral costuma chegar às comunidades mais amplas de receptores ou consumidores. (FRISCH, 2016)

Como estudante de licenciatura em história na UFRGS, ingressei no ano de 2021 como bolsista de iniciação científica no projeto Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul, integrando a equipe do Repositório de Entrevistas de História Oral (REPHO)⁴. O Documentando é uma pesquisa coordenada pelas equipes do Repositório de Entrevistas de História Oral e NPH (Núcleo de Pesquisa em História) da UFRGS e pelo Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (Apers) em conjunto com outras instituições⁵ e áreas, com o objetivo de recolher, catalogar e disponibilizar relatos pessoais do cotidiano durante a pandemia de Covid-19 no RS. Cada instituição realizou entrevistas de história oral de forma remota, com um perfil distinto de pessoas, no caso da UFRGS, estudantes que ingressaram pelo programa de ações afirmativas e seus familiares.

Para além das leituras e pesquisas realizadas como bolsista do projeto, contribuí para a transcrição e indexação das entrevistas no Oral History Metadata Synchronizer⁶ (OHMS) e atualização das notícias no Facebook e Instagram. Partindo disso e observando a ampla

⁴ O REPHO é um local de armazenamento e divulgação de entrevistas de História Oral efetuadas por professores e alunos do Curso de História e de seu Programa de Pós-Graduação, composto por mais de 140 entrevistas. Os projetos desenvolvidos estão disponíveis no site para consulta, sendo possível acessar informações das transcrições de entrevistas. Atualmente é coordenado pela professora Carla Rodeghero.

⁵ O projeto é coordenado pela professora doutora Carla Simone Rodeghero da UFRGS e por Clarissa Sommers Alves e Rodrigo de Azevedo Weimer, servidores do Apers.

⁶ Plataforma desenvolvida por Douglas Boyd, para facilitar a inserção de palavras-chave, transcrição, indexação parcial de entrevistas disponibilizadas online.

coleção do Documentando, a publicação de trabalhos⁷ e iniciativas de divulgação realizadas no início do projeto⁸, foi pensada a elaboração de um podcast, como forma de criar um produto de divulgação e ensino a partir das fontes de história oral. Voltando à ideia do historiador Michael Frisch que abre esse trabalho, a tarefa em questão se relaciona com a ideia da cozinha, “transformar” um material “cru” em uma produção, mas ainda assim, preservar o sentido e o valor original das entrevistas.

De acordo com Frisch (2016), a prática tradicional se divide entre acervos e produção de conteúdo, entre “cru” e “cozido”, história oral e história pública, mas que apesar disso, o meio digital tornou esse processo mais fluido e criativo. O amplo acesso a acervos online, como o do REPHO, possibilita, facilita e incentiva a confecção de materiais “cozidos”. Para além disso, é importante que os materiais produzidos, mostrem a existência do “cru” para o público e se possível, mobilizem o interesse. E que a prática de história pública não é o mesmo que “mastigar” ou “simplificar” conteúdo acadêmico, mas deve ser um processo mais aberto e compartilhado com a comunidade, e tornar acessível essa produção.

Partindo da ideia de divulgação, foi produzido um podcast de formato narrativo, contendo falas do apresentador, intercalando os trechos de entrevistas, com falas dos estudantes. O programa conta com 3 episódios, focados em perceber as relações dos indivíduos com o tempo e as tecnologias no contexto da pandemia de 2020 e 2021, observando as falas acerca do ensino remoto emergencial da UFRGS. O primeiro episódio, conta com a apresentação do tema, breve apresentação de pandemias ao longo da história e uma reflexão sobre a história do tempo presente. O segundo, trata da rotina durante o isolamento, o ensino remoto, o uso de telas e o cansaço da sociedade contemporânea pela constante pressão por produtividade. Já o terceiro e último, aborda o acesso à tecnologia e as dificuldades de permanência na universidade. Os episódios têm, respectivamente, 20, 32 e 25 minutos de duração.

⁷ Um exemplo é o artigo publicado na revista Estudos Históricos, por Rodrigo Weimer e Carla Rodeghero: “Pode a História Oral ajudar a adiar o fim do mundo? Covid-19: Tempo, testemunho e História”. Analisa 16 entrevistas realizadas no projeto documentando em 2020 e 2021, aborda como noções de tempo, testemunho e história são tratadas no contexto da pandemia. RODEGHERO, Carla Simone; WEIMER, Rodrigo de Azevedo. Pode a História Oral ajudar a adiar o fim do mundo? Covid-19: tempo, testemunho e história. Estudos Históricos. Rio de Janeiro. vol 34, nº 74, p.472-491, Setembro-Dezembro 2021.

⁸ As entrevistas estão disponíveis no canal do Youtube (<https://www.youtube.com/@historiaoralcovid19-rephou51>) e no site do REPHO (<https://www.ufrgs.br/repho/category/entrevistas/>), sendo possível consultar as transcrições completas e indexações, divididas por assuntos e minutagem em que estão. A equipe se preocupou em manter suas redes sociais atualizadas com o conteúdo do projeto, assuntos relacionados a História Oral e suas entrevistas, como pequenos trechos das entrevistas no Instagram, como forma de divulgação do conteúdo. Além disso, Marina Widholzer, uma das integrantes da equipe, desenvolveu seu trabalho de conclusão de curso refletindo sobre o campo da história oral e divulgação científica a partir de materiais audiovisuais utilizando entrevistas do projeto Documentando.

Inicialmente, a proposta era utilizar apenas entrevistas ocorridas no ano de 2021, como forma de abordar um contexto em que os estudantes já estavam convivendo com a pandemia há mais de um ano, já havia atividades sendo realizadas presencialmente, apesar de uma situação sanitária ainda crítica, de crises no sistema público e o aumento de óbitos. Porém, como o olhar do podcast estaria voltado para a relação com as tecnologias e seus impactos, optou-se por uma abordagem mais ampla, adicionando o primeiro ano da pandemia e o “susto” causado inicialmente pela mudança nas dinâmicas sociais.

A escolha inicial dos trechos⁹ foi um desafio, pois trata-se de um vasto acervo composto por longas entrevistas, que discorrem sobre tópicos diversos e sensíveis às vidas daqueles estudantes. O ponto de partida foi definir o que estava se procurando naquelas entrevistas, quais os aspectos que estariam presentes no podcast e como ocorreriam o diálogo do narrador com as fontes. A partir do tópico sobre ensino remoto emergencial, realizou-se a escuta atenta às falas e anotações em um documento digital sobre os trechos e sobre o que era relatado. Como estudante que vivenciou a pandemia na universidade, me interessei por buscar com objetivo de ver as nuances do cotidiano desse modo de ensino na vida das estudantes de baixa renda e como se relacionava com o contexto da pandemia. Diante de um grande quantitativo de entrevistas, procurei falas que sintetizassem as experiências e falas da maioria dos estudantes, em apenas 6 relatos. Os trechos selecionados pertencem aos entrevistados: Aline Tavares Bastos, 39 anos, parda, estudante de Ciências Contábeis; Almiro Sagás Evaristo, estudante de Medicina, branco, 22 anos; Estudante de ciências sociais, 28 anos, branco; Laércio Mariano, 27 anos, indígena da etnia Guarani, estudante de História; Laryssa Fontoura, 22 anos, preta, estudante de História e Marcos Kaingang, indígena da etnia Kaingang, 28 anos, estudante de Direito.

Considero que existem dois elementos presentes nesse processo de escolhas, seja das entrevistas ou trechos: a bibliografia e a subjetividade. Essa relação ultrapassa a posição e olhar do historiador e se relaciona com os papéis ocupados enquanto estudante e semelhante àqueles que concederam as entrevistas. Para além de pesquisador e divulgador, há um estudante que também ingressou pela política de cotas na universidade e reconhece alguns dos desafios narrados naqueles trechos. Ao contrário do que pensavam os acadêmicos do século XIX, de que havia uma necessidade de distância das fontes para haver êxito na

⁹ A equipe do REPHO conduziu até o momento mais de 70 entrevistas, realizadas em dois períodos distintos da pandemia por SARS-COV-2, durante o ano de 2020 e 2021 e possuem em média de trinta minutos a uma hora de duração. O roteiro das entrevistas, desenvolvido pela mesma equipe, contempla diversos assuntos referentes ao cotidiano, como dificuldades com o ensino remoto, como estavam lidando com questões de saúde durante a pandemia, saúde mental, percepções acerca da atuação dos governos frente à crise sanitária, dificuldades financeiras, entre outros.

pesquisa em história, a proximidade possibilita outros olhares e focos, apesar de ainda manter o rigor da pesquisa exigido, como diálogo com a bibliografia. Da forma que foi feito, este produto passa por diferentes visões e pertencimentos e uma grande carga de subjetividade. Um outro podcast feito por um pesquisador ou pesquisadora oriundos de diferentes realidades, teria outro resultado.

Para o roteiro, foi elaborado um texto utilizando um aplicativo online, contendo as falas do narrador e a indicação de qual trecho seria utilizado em cada momento. No momento da gravação, o roteiro foi lido, como forma de facilitar a narração e evitar erros e regravações.

A transformação do “cru” ao “cozido” passou por uma ideia de seleção, tanto do conteúdo, como das falas. De um ponto de vista mais científico, o ideal seria utilizar um número maior de trechos e cobrir mais realidades, porém, como divulgação e estimulação de pensamento histórico, optou-se por reunir poucos relatos e dar valor a eles durante a explicação do contexto. Partindo da ideia de "autoridade compartilhada" do historiador Michael Frisch (2016), tanto o narrador, quanto os entrevistados, possuem valor e autoridade, cada um a sua forma. Os entrevistados falam a partir de sua experiência, e o narrador mobiliza os conhecimentos da história, dessa forma, são autoridades complementares. Nesse sentido, acredita-se que o podcast ultrapassou a dicotomia do “cru” e do “cozido”, por tratar as falas como composição do projeto, não como complemento. Para além disso, a visão aproximada do autor com os entrevistados, concede uma sensibilidade e compreensão maior.

ENTRE A DIVULGAÇÃO E O ENSINO

Uma breve busca foi feita em algumas plataformas, de forma a compreender quais os podcasts de divulgação em história existiam, e como funcionavam suas abordagens. Ao buscar no aplicativo Spotify, é possível pesquisar por Podcasts e escolher uma lista de categorias, por exemplo, educação. Dentro dessa categoria, podemos encontrar os assuntos: Educação, Governo, História, Idioma, Filosofia e Ciência. Após realizar uma busca, foi possível constatar a existência de Podcasts de História produzidos por historiadores profissionais, entre eles: Estação Brasil, História FM, Colunas de Hércules, Hora Americana - Podcast de História das Américas, Estudos Medievais USP, Medievalismo. Entre os listados, o programa Estudos Medievais é uma iniciativa do Laboratório de Estudos Medievais da Universidade de São Paulo e conta com a presença de convidados.

A partir da pesquisa inicial feita por Podcasts de divulgação científica em História no Spotify, foi possível constatar que a maioria deles utiliza o formato de entrevistas, onde o administrador do programa chama um convidado que possui experiência e pesquisas no assunto em questão e realiza uma explicação partindo das perguntas do administrador. No final, o pesquisador disponibiliza indicações aos ouvintes, desde pesquisas, livros a séries e filmes sobre o tema. O formato narrativo, aqui proposto, não é o mais comum entre os materiais de divulgação científica e história, alternando entre testemunhos e narrativa histórica. Um dos exemplos no formato narrativo é o História em Meia Hora, que cada episódio possui um tema de história e o apresentador explica seu conteúdo, de forma simples e objetiva, além de apresentar as fontes na descrição.

Durante a idealização do projeto, a dimensão de divulgação era central, como forma de não só tornar mais acessível um vasto acervo de entrevistas, mas demonstrar a possibilidade de produções originais utilizando pesquisas desenvolvidas no âmbito universitário. É no sentido de aproximar o público não acadêmico e apresentar aos historiadores e estudantes de história, a possibilidade e os benefícios de produções do tipo, que esse podcast nasceu. Sobre historiadores e o público, afirmam Penna e Silva (2016):

Não basta ao historiador que quer interferir diretamente na esfera pública escrever um texto que só os seus pares de ofício podem compreender e “publicar” em uma revista especializada que pode ser acessada por qualquer um na internet. Apesar de estar disponível para todos online, poucos são aqueles que podem compreendê-lo. Publicar artigos em revistas que apenas um especialista consegue entender faz parte do procedimento científico necessário para o avanço do conhecimento, o problema é se esta for a única forma de contribuição dos historiadores para a esfera pública.

Penna e Silva abordam sobre a necessidade de ocupação dos historiadores no campo público, não apenas como mestres e especialistas, mas para a construção de conhecimento coletivo. Além disso, intervenções no meio público devem ser acessíveis e pensadas para gerar entendimento.

De acordo com Fonseca (2016, p.186) a imprensa escrita, televisão e cinema são mídias associadas às formas de apreensão de conhecimento, para além da escola e universidade. Além disso, a autora afirma que a escola e a história como disciplina escolar, foi por muito tempo a principal divulgadora do conhecimento acadêmico, a partir dos livros didáticos. Pensando nisso, é possível inserir a mídia Podcast como uma forma de apreensão de conhecimento, semelhante ao papel exercido pelas mídias tradicionais com outros produtos. Dessa forma, uma produção desse tipo pode ser elaborada unindo as dimensões de

divulgação científica e ensino de história, tornando mais acessível a produção de conhecimento acadêmico e mobilizando aprendizados.

O produto de ensino de história aqui desenvolvido, foi pensado como um projeto de ensino de história e divulgação científica para o consumo na internet e nas mídias virtuais, para um público adolescente e jovem adulto, com interesse por Podcast e com curiosidade sobre o período pandêmico no Brasil. A linguagem adotada ao longo do trabalho não foi simplificada, mas foi evitada a abordagem de citações e autores, como forma de tornar mais acessível, objetivando uma narração fluida. No espaço da descrição, na publicação dos episódios, estarão as referências de livros, artigos e reportagens utilizadas ao longo da produção.

Dessa forma, a dimensão de ensino se deu a partir da mobilização de conceitos e contextualização de outros momentos históricos. No primeiro episódio, se tratou sobre a história do tempo presente e do porquê historiadores não tratam apenas momentos remotos da história humana e desconectados de sua própria vivência. O segundo episódio mobilizou os conceitos de sociedade disciplinar de Michel Foucault¹⁰ e sociedade de desempenho, de Byung-Chul Han¹¹ como forma de abordar a relação atual com as tecnologias e o surgimento da relação com o tempo na sociedade contemporânea. Esses conceitos foram abordados ao longo do episódio, esboçando a explicação de um novo desenvolvimento de sociedade, que impacta nas relações, cultura e trabalho no contexto abordado e como forma de explicar que as sociedades estão sempre em constante transformação.

Como forma de tornar a explicação mais lúdica, promover outras visões e tentar mobilizar a empatia por parte do ouvinte, foram inseridos conteúdos externos, como um livro de ficção e uma fala pública. No primeiro episódio, foi realizada a leitura de um trecho do livro *Um diário do Ano da Peste*, de Daniel Defoe, como forma de demonstrar um relato sobre o contexto histórico de outras doenças e aproximar o ouvinte de outras realidades. Além disso, no segundo, uma fala do historiador e indígena Ailton Krenak, problematiza a utilidade da vida no capitalismo, e dialoga com o tema do episódio, sobre a cultura do desempenho e a pressão por produtividade.

¹⁰ FOUCAULT, M. . Vigiante e Punir: história da violência nas prisões. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

¹¹ HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

PODCAST E O OFÍCIO DO HISTORIADOR: OBJETIVOS E OBSTÁCULOS

A definição do problema foi o primeiro desafio encontrado durante a elaboração de tal projeto. O ponto de partida foi o objetivo de promover uma iniciativa de divulgação do acervo de entrevistas do Documentando a Experiência da Covid-19 no RS. A ideia inicial se pautou em uma abordagem temática, tratando um tema por episódio, divulgando trechos, por exemplo, que falassem sobre: saúde mental e impactos psicológicos, ensino remoto, rotina, relação com o sistema de saúde e trabalho. Porém, dúvidas surgiram: qual seria o eixo entre os episódios? Como o narrador iria se inserir? O que faria daquele podcast um trabalho de história?

Meneses (1994, p. 17), ao se referir a exposições museológicas e conhecimento histórico, afirma que um museu da cidade pode contar com uma exposição de relógios de rua, mas acrescentará mais conhecimento histórico à cidade caso realizasse uma problemática, por exemplo, como a do tempo enquanto forma de controle social no espaço urbano. A mesma relação vale para a produção do Podcast, que não poderia ser apenas um conjunto de áudios reunidos, precisa de um objetivo e o desenvolvimento de um problema histórico que realizasse uma conexão ao longo de toda a obra. A partir desta reflexão, outra surgiu: o que é possível observar nestes trechos a partir de uma perspectiva histórica?

Ao inserir os trechos e relacionar com as falas inseridas no podcast, houve a preocupação de promover um pensamento histórico no ouvinte, de perceber que aqueles relatos possuem o valor em si, e não apenas de ilustração no podcast, ou objeto de estudo do historiador. Com pensamento histórico, refiro-me a incentivar uma consciência reflexiva acerca daquela realidade, sobre a cultura e seus componentes, relacionado a vivência daquele momento. No caso, se inserir as vivências, dificuldades e relações dos estudantes com as tecnologias e como se relacionava com o contexto, e se sempre foi assim, quando e como mudou. Ou seja, estimular o pensamento de alteridade da sociedade e história.

Nesse sentido, argumentam Almeida e Rovai (2013):

Deve-se salientar que fazer história pública não é só ensinar e divulgar certo conhecimento. Pressupõe pluralidade de disciplinas e integração de recursos diversos. É um novo caminho de conhecimento e prática, de como se fazer história, não só pensando na preservação da cultura material, mas em como colaborar para a reflexão da comunidade sobre sua própria história, a relação entre passado e presente. Enfim, como tornar o passado útil para o presente.

Em relação ao contexto histórico, houve uma escolha de tratar a pandemia e as questões sanitárias como um plano de fundo e mostrar que existem mudanças que

permaneceram após esse momento e que a superação dessa situação sensível se deu de forma diferente para cada indivíduo. Considero que a comunidade, de forma geral, enfrentou a situação a partir de um viés de produtividade e que de certa forma foi maléfico de um ponto de vista social, cultural e psicológico. Porém, como exposto no podcast, foi um movimento geral e que essa visão estava disseminada como um todo.

A partir da observação das entrevistas, notou-se alguns padrões nas falas dos estudantes em relação ao ensino remoto. A escolha de entrevistas partiu de uma preocupação com a diversidade de pertencimento e origem dos estudantes, como racial e de gênero. Ao todo, foram selecionados 6 trechos, de 6 alunos diferentes, entre eles, homens, mulheres, pessoas brancas, negras, pardas e indígenas. Dessa forma, se esperou abordar os mais diversos contextos, dentro da categoria de estudantes de baixa renda, que ingressaram pela política de cotas.

A definição da problemática, criação do roteiro e composição das falas, escolha da abordagem, citações e seleção dos trechos; todas essas tarefas incluídas na confecção de um Podcast se encaixam no escopo do ofício do historiador. Essas seleções se assemelham à escrita de um artigo, um trabalho tradicional da academia: requerem um planejamento e leitura, no caso, escuta sensível das fontes, relação com a bibliografia, coesão dos capítulos, no caso, dos episódios. Tanto no caso das fontes, como da fala do narrador, as seleções demandam um esforço de pensar o que deve estar presente no podcast, dado o tempo limitado. Conforme Santhiago (2016), sobre as dúvidas sobre história pública ser uma forma mais simples de história, mesmo que a história pública fosse uma "simplificação" ou "estetização" da história, seria extremamente difícil pelos cortes, compressões, diminuições e condensações necessários à sua realização. As falas do narrador explicando determinados contextos no podcast, tratando das pandemias, por exemplo, foram reduzidas para manter a coesão e a narrativa fluída. As noções de o quê editar, cortar e reduzir, se aproximam da confecção de um texto, apesar de etapas de gravação¹² e edição ultrapassarem o conhecimento intrínseco ao trabalho do historiador e requererem um conhecimento prévio e uma aprendizagem externa. Porém, considero que são habilidades importantes de se adquirir, já que a produção e divulgação de materiais acessíveis devem ser preocupações do historiador em um contexto de mídias sociais presentes.

¹² As partes de gravação das falas, recorte dos trechos das entrevistas e edição foram feitas utilizando o software *Reaper*; e além do uso de conhecimento prévio na confecção deste projeto, algumas habilidades foram adquiridas durante o processo de criação, a partir de pesquisa de vídeos e fóruns na internet. Para a seleção das músicas e efeitos sonoros, houve a preocupação com os direitos autorais, e foi utilizado o site Slip.Stream, que disponibiliza faixas para o livre uso, desde que seja divulgada a licença.

Com todas as partes de produção do presente podcast e obstáculos encontrados, algumas ideias não puderam ser executadas de acordo com o planejamento inicial, da confecção de 5 episódios ao todo. O quarto episódio abordaria a relação das tecnologias e o mundo do trabalho, a partir de relatos dos alunos e de alguns familiares, observando quais foram os impactos para além do ensino remoto, no cotidiano destas pessoas. O último episódio faria uma retomada do assunto central, relações com a tecnologia e com o tempo e realizaria uma conclusão.

CONCLUSÃO

Segundo Penna e Silva (2016, p. 205): "A principal tarefa da educação é inserir os alunos em um mundo público que já existia antes da sua chegada e continuará existindo após a sua partida". Sendo assim, a produção do podcast visou uma abordagem de observação do contexto pandêmico a partir da realidade dos estudantes da UFRGS, para perceber as relações com o tempo e tecnologias existentes naquele cenário de isolamento e distanciamento social, compreendê-las e entender de onde vieram essas formas de viver e quais seus impactos.

A partir da elaboração desse material de divulgação científica e ensino de história, buscou-se demonstrar a possibilidade e a importância da criação a partir de acervos como o do projeto Documentando. Além da divulgação do próprio acervo para o público fora da esfera acadêmica, também apresentar para os próprios historiadores e historiadoras a importância de realizar intervenções na área pública, as dificuldades encontradas, como superá-los e quais os conhecimentos para além do ofício do historiador devem ser mobilizados. Por fim, tenho esperança de que as reflexões presentes nesse trabalho auxiliem historiadores na elaboração de um podcast, o que levar em conta durante a estruturação, quais as dificuldades que podem ser encontradas e como lidar com elas.

Entrevistas

BASTOS, Aline Tavares. Entrevista cedida a Anne Alves da Silveira e Manuela Perondi Pavoni. Porto Alegre: 14 jun. 2021.

EVARISTO, Almiro Sagás. Entrevista cedida a Carla Simone Rodeghero e a Morgan Lemes Santos. Porto Alegre: 18 set. 2020.

FONTOURA, Laryssa. Entrevista cedida a Carolina Medina da Costa e Neila Prestes de Araújo. Porto Alegre: 16 dez. 2020.

KAINGANG, Marcos. Entrevista cedida a Carla Simone Rodeghero e a Manuela Perondi Pavoni. Porto Alegre: 25 maio. 2021.

MARIANO, Laércio Gomes. Entrevista cedida a Eduarda Borges da Silva e a Manuela Perondi Pavoni. Porto Alegre: 10 dez. 2020

SOCIAIS, Estudante de Ciências. Entrevista cedida a Cássia Silveira e Cláudia Mauch. Porto Alegre: 23 jul. 2021.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Juliele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. História pública: entre as “políticas públicas” e os “públicos da história” IN: XXVII Simpósio Nacional de História, 2013.

FONSECA, Thais Nívia de Lima. Ensino de história, mídia e história pública In: Almeida, Juniele Rabelo; Mauad, Ana Maria e Santhiago, Ricardo (Org.). História Pública no Brasil – sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 185-194.

FRISCH, Michael. A história pública não é uma via de mão única, ou, De A Shared Authority à cozinha digital, e vice-versa. In: Almeida, Juniele Rabelo; Mauad, Ana Maria e Santhiago, Ricardo (Org.). História Pública no Brasil – sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 57-70.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. Anais do Museu Paulista, Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Ser. v.2 p.9-42 jan./dez. 1994.

PENNA, Fernando De Araujo; SILVA, Renata Da Conceição. As operações que tornam a história pública: A responsabilidade pelo mundo e o ensino de história In: Almeida, Juniele Rabelo; Mauad, Ana Maria e Santhiago, Ricardo (Org.). História Pública no Brasil – sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 195-206.

RODEGHERO, Carla Simone; WEIMER, Rodrigo de Azevedo. Pode a História Oral ajudar a adiar o fim do mundo? Covid-19: tempo, testemunho e história. Estudos Históricos. Rio de Janeiro. vol 34, nº 74, p.472-491, Setembro-Dezembro 2021.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. Publicizar sem simplificar: O historiador como mediador ético. In: ALMEIDA, Juliele Rabêlo de; MENESES, Sônia (ORG). História Pública em debate: Patrimônio, Educação e Mediações do Passado. São Paulo: Letra e Voz, 2018.p.185- 196.

SANTHIAGO, Ricardo. Duas palavras, muito significados: Alguns comentários sobre a história pública no Brasil In: Almeida, Juniele Rabelo; Mauad, Ana Maria e Santhiago, Ricardo (Org.). História Pública no Brasil – sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 23-35.

WANDERLEY, Sonia. Narrativas Contemporâneas de história e didática da historia escolar. In: Almeida, Juniele Rabelo; Mauad, Ana Maria e Santhiago, Ricardo (Org.). História Pública no Brasil – sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 207-217.

WIDHOLZER, Marina da Silva. Experiências de estudantes da UFRGS no contexto da pandemia : história oral e divulgação científica. Trabalho de Conclusão de Curso em História.UFRGS, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/225578>